

FAMÍLIA COMBONIANA

NOTICIÁRIO MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

N.º 793

Fevereiro de 2021

DIRECÇÃO-GERAL

Profissões perpétuas

Ir. Kitha Mumbere Mwangaza (CN)	Butembo (RDC)	07.01.2021
Esc. Kutsaile Matthews (MZ)	Juba (RSS)	19.01.2021
Esc. Alionzi Ronald (U)	Mbuya-Kampala (UG)	25.01.2021

Ordenações sacerdotais

P. Onyait Nicholas (U)	Toroma-Soroti (UG)	09.01.2021
P. Jaleta Gurmessa Geda (ET)	Kotam-Nekempte (ETH)	23.01.2021
P. Biangbali Abaingu Blaise (CN)	Isiro (RDC)	24.01.2021
P. Malema Bati Maurice (CN)	Isiro (RDC)	24.01.2021
P. Izakare Amoko Isaac (U)	Dzaipi-Arua (UG)	30.01.2021
P. Horbé Richard (TCH)	Sarh (TCH)	30.01.2021
P. Gokam Djasgombaye (Bienvenu)(TCH)	Sarh (TCH)	30.01.2021

Obra do Redentor

Fevereiro	01 – 15 C	16 – 28 EGSD	
Março	01 – 07 CO	08 – 15 E	16 – 31 DSP

Intenções de Oração

Fevereiro – Para que consigamos conduzir toda a pessoa ao encontro de Cristo através de gestos de amor e de perdão. *Oremos.*

Março – Para que o ministério da Família Comboniana reforce a «justiça de género», em particular a defesa das mulheres e das adolescentes. *Oremos.*

Publicações

A editora Mundo Negro, dos Missionários Combonianos de Madrid, publicou, no mês de Dezembro de 2020, o livro «*Testimonios de la Misión*», do P. Martin Devenish, mccj, tradução do livro «*Supreme Witness*», publicado na London Province em 2019.

Segundo o autor: «O livro *Testimonios de la Misión*, percorre a vida de vinte e cinco missionários, irmãos e irmãs ao serviço do Evangelho no Uganda, na República Democrática do Congo, no Sudão, Etiópia, Moçambique, Brasil e México. Homens e mulheres mortos por ter expressado o amor de Jesus e posto em prática, em Seu nome, os valores do Evangelho, ensinando a fé, visitando e cuidando dos enfermos, consolando os aflitos e promovendo o desenvolvimento integral de cada pessoa humana independentemente da raça, cultura, língua ou religião».

CONGO

Os dois primeiros sacerdotes combonianos de Santa Ana

Domingo, dia 24 de Janeiro, foram ordenados dois novos sacerdotes combonianos congolezes: os padres Blaise Biangbali Abangu e Maurice Bati Malema. Foi uma grande festa para a paróquia de Santa Ana em Isiro, no nordeste da República Democrática do Congo. A celebração, presidida por D. Julien Andavo Mbia, bispo de Isiro-Niangara, durou quase cinco horas.

Blaise e Maurice não são os primeiros Missionários Combonianos nascidos em Isiro, mas são os primeiros da paróquia de Santa Ana, fundada pelos Combonianos em 1970. Todos queriam estar presentes na celebração, era um evento importante e queriam dar graças a Deus pelo dom da sua vida. Maurice estudou na África do Sul, Blaise em Itália, mas encontraram-se de novo para viver juntos a sua ordenação. Conhecem-se desde crianças porque ambos cresceram no bairro vizinho da paróquia, participaram nos grupos juvenis e foram testemunhas do trabalho de muitos combonianos que passaram por Santa Ana. Agora seguirão os seus passos.

Os pais de Blaise, Richard e Charlotte, são um casal muito empenhado na paróquia, são membros da comissão Família e estão envolvidos em outros serviços.

O mesmo se pode dizer de Justin e Baleya, os pais de Maurice. Justin empenhou-se muito acompanhando os músicos da paróquia e os membros do coro. É maravilhoso ver como as vocações missionárias surgem em famílias cristãs tão dedicadas como estas.

CÚRIA

Exercícios online

Recentemente o P. David Glenday orientou os exercícios online para os confrades da Colômbia. Na segunda reflexão dos seis dias completos convidou os participantes a entrar, na oração, em conversação com o Fundador, colocando-lhe algumas perguntas fundamentais da nossa vida missionária. Os temas, desenvolvidos em espanhol, são os seguintes:

1. Daniel, quem és tu para mim?
2. Daniel, quem era Deus para ti?
3. Daniel, como crescestes na missão?
4. Daniel, porquê a missão juntos?
5. Daniel, onde viveste a Páscoa?
6. Daniel, como viver a crise?

Quem estiver interessado em obter as gravações áudio pode dirigir-se ao P. David (dkglenday@gmail.com)

EQUADOR

Ordenação diaconal

Depois de meses de preocupação por causa da pandemia de Covid-19, a Família Comboniana no Equador e a Igreja local viveram um momento de festa e de esperança com a recente ordenação diaconal de Sitwaminya Mughanyiri Étienne, originário da República Democrática do Congo, que está a desenvolver o seu serviço missionário na Província, em preparação para a sua ordenação sacerdotal.

Étienne, conhecido também pelo nome de Fiston, percorreu um longo caminho antes de chegar a esta etapa tão importante da sua vida. Iniciou a sua formação em 2009 e emitiu os primeiros votos no Benim, em 2015. Depois dos estudos de Teologia em Kinshasa (RDC), chegou ao Equador, onde aprendeu o espanhol e foi destinado à paróquia comboniana de Nuestra Señora del Carmen, no Cantón El Carmen, Manabí (Arquidiocese de Portoviejo). O seu trabalho pastoral desenvolveu-se em diversos campos, com uma particular atenção aos jovens, cuja presença e dinamismo são notáveis na paróquia, graças ao trabalho dos Combonianos e das Servas do Sagrado Coração de Jesus.

Dia 15 de Novembro, Étienne fez a profissão perpétua na paróquia. O P. Ottorino Poletto, Superior Provincial, presidiu à Eucaristia. Estavam presentes alguns combonianos e sacerdotes diocesanos da zona. A cerimónia foi organizada em grande parte pelos leigos e pelos agentes da

pastoral. A importância do evento e a simpatia das pessoas manifestaram-se na calorosa manifestação e nos muitos elementos típicos da cultura africana que enriqueceram o evento graças às Servas do Sagrado Coração de Jesus, provenientes do Quênia.

A 5 de Dezembro, no respeito das medidas restritivas ditadas pela pandemia, realizou-se a ordenação diaconal de Étienne no Centro Juvenil Daniel Comboni de Carcelén, em Quito, pela imposição das mãos de D. Alfredo José Espinoza Mateus, sdb, arcebispo de Quito e Primaz do Equador. Estavam presentes muitas pessoas provenientes de diversas partes do país, religiosos, jovens do Movimento Juvenil Comboniano América Misionera e Amigos da Misión. O evento tornou-se possível graças à generosidade de muitas pessoas e de paróquias vizinhas. A Eucaristia terminou com as manifestações de afecto e de estima para com os Combonianos da parte do arcebispo que convidou os missionários a retomar o empenho da Pastoral Afro e a assumir o encargo de uma paróquia na periferia de Quito.

Indubitavelmente, o sim do diácono Étienne foi «uma lufada de ar fresco» para a Igreja e para a Província, para além de um belo testemunho para os jovens dos diversos grupos paroquiais: esperamos que, motivados pela resposta deste jovem missionário, muitos outros sintam o desejo de viver a experiência de Jesus que continua a chamar para a Missão.

SUDÃO DO SUL

P. Matthew Remijo ordenado bispo de Wau

O nosso confrade sul-sudanês, P. Matthew Remijo Adam Gbitiku, foi ordenado bispo de Wau, na esplanada de Nossa Senhora Auxiliadora, a catedral, domingo 24 de Janeiro de 2021, entre um multidão de fiéis católicos que acorreram para celebrar e aclamar o seu novo pastor. A nomeação do bispo de Wau chega mais de três após a morte do falecido bispo Rudolf Deng Majack, em Março de 2017. No evento participaram mais de 100 sacerdotes, todos os bispos do Sudão do Sul e do Sudão e cerca de 10 000 pessoas.

O bispo Matthew Remijo, de 48 anos, nasceu a 5 de Maio de 1972 em Wau, frequentou o ensino primário em Mboro e o restante na Wau Day Secondary School. Os seus pais são o falecido Remijo Adam Gbitiku e Asunta Juyee Longo. Foi baptizado dia 20 de Junho de 1972 e crismado em 1984, em Bussere, Wau. Juntou-se depois aos Missionários Combonianos e foi enviado para estudar Teologia, em Lima, Peru, onde foi ordenado diácono a 18 de Novembro de 2003. Depois de ter regressado ao

Sudão do Sul, foi ordenado sacerdote em Wau, pelo falecido bispo Rudolf Deng, a 3 de Outubro de 2004. Tornou-se vice-pároco e depois pároco da paróquia de Masalma, em Omdurman, Cartum, até 2008. Graças às suas excepcionais qualidades de pastor, foi enviado para Roma para prosseguir os estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde, em 2010, obteve o título de Mestre em Teologia Espiritual. No seu regresso foi nomeado Director das Vocações da arquidiocese de Cartum até 2012 e Director Espiritual do Seminário Maior de São Paulo até 2013. Até 2017 foi também Vigário Geral da arquidiocese de Cartum. Seguidamente, foi mandado para Nairobi, no Quênia, como vice-reitor e ecónomo do Teologado Internacional Comboniano.

Profissão perpétua

Na tarde de 19 de Janeiro, a Assembleia Provincial dos Missionários Combonianos da Província do Sudão do Sul, reunida no Centro para a Paz do Bom Pastor, em Juba, celebrou e partilhou os votos perpétuos do escolástico Matthew Kutsaile. Foi uma celebração simples, mas memorável, cerca de 30 missionários provenientes de todo o Sudão do Sul uniram-se a Matthew nesta sua consagração definitiva. Foi apresentado pelo P. Alfred Mawadri, pároco da paróquia da Santíssima Trindade, Old Fangak, e pelo P. Gregor Schmidt, superior da própria comunidade. A Eucaristia foi presidida pelo P. Jeremias dos Santos Martins, Vigário Geral, e pelo Provincial do Sudão do Sul, P. Luis Okot. O escolástico Kutsaile é originário do Malauí-Zâmbia e será ordenado diácono no dia 14 de Fevereiro em Old Fangak, Upper Nile oriental, Sudão do Sul.

Situação acerca da covid-19

O mundo está a viver uma outra vaga de crise sanitária global enquanto sobe o número de novos casos. A pandemia causou crises sociais, políticas, económicas e culturais incomensuráveis. Pôs a descoberto a fraqueza dos sistemas de saúde e dos mecanismos de resposta às catástrofes não só nos países pobres, mas também em países muito ricos. No Sudão do Sul, o primeiro caso de covid-19 foi registado a 5 de Abril de 2020 num operador humanitário estrangeiro. Desde então, não obstante as medidas de prevenção decretadas pelo Ministério da Saúde e pela OMS, o coronavírus atingiu um nível comunitário de transmissão. Agora, o governo revogou várias restrições, entre as quais a obrigação do teste sanitário nas viagens inter-estatais, a proibição de ajuntamentos e há um retomar da vida normal. Há já alguns meses que as igrejas retomaram as suas funções litúrgicas e as celebrações sem restrição de número de pessoas.

Estes factos contribuíram para uma certa imprecisão acerca da taxa de infecções e mortalidade e até para o aumento do cepticismo sobre a pandemia. Muitas pessoas não acreditam que existe Covid-19. A maior parte diz que esta é uma doença dos brancos, que não afecta os negros, que não existe em ambientes quentes como o nosso, que é uma doença do frio. O rastreamento de contactos, testes e verificações de contágio diminuíram. Por agora, o país continua a lutar com uma limitada capacidade de testes e de pessoal médico. Por outro lado, as exigências sanitárias do país continuam a aumentar para lá do impacto directo da pandemia sobre a saúde. Aqui, o contexto é complexo: a pobreza crónica, os conflitos internos, as infraestruturas limitadas, os sistemas sanitários frágeis (não obstante a ajuda que se recebe da China e de outros doadores) e os investimentos limitados do Governo nos serviços sociais de base são um considerável peso adicional para a nação e sobretudo para as pessoas mais vulneráveis. Este ano, as inundações atingiram a maior parte do país e os desalojados internos não puderam regressar às suas casas.

Quando a pandemia surgiu, o governo instituiu uma *task force* nacional de alto nível para a aprovação de diversas linhas-orientadoras sobre a saúde pública, desenvolvidas pelo Ministério da Saúde e pelos parceiros para moderar a difusão e o impacto do vírus. Em Maio e 2020, esta *task force* foi dissolvida por razões desconhecidas e foi reconstituída num Comité Nacional para as *task force* (NTC) com o enésimo comité directivo nacional. Estas *task force* instituídas pelo Ministério da Saúde receberam muitas doações da Autoridade Intergovernativa para o Desenvolvimento, da Agência para a Cooperação Internacional do Japão, da Commonwealth e do Departamento para o Desenvolvimento do Reino Unido, do Banco Africano de Desenvolvimento, do Partenariado Global para a Educação e da União Europeia, e de outros doadores dentro e fora do país. Não obstante a generosidade destes contributos, o Governo luta para gerir adequadamente os casos de contágio dado que só existe um centro em Juba. Foram planificados outros centros, mas são ineficazes por causa dos equipamentos inadequados e da falta de recursos humanos. Actualmente, os dados estatísticos são os seguintes: 3670 contágios confirmados, 3181 recuperados e 63 mortos. Todavia, se os testes fossem realizados de forma eficaz, a estatística poderia mostrar números diferentes.

Esta situação abriu caminho para a privatização e comercialização de testes para quem viaja no Sudão do Sul: os cidadãos sul-sudaneses pagam 75 dólares americanos, enquanto os de outras nacionalidades pagam 115. O Ministério da Saúde Nacional continua a fazer os testes gratuitamente.

No que respeito à Igreja católica, cada diocese desenvolveu um grupo de trabalho a nível diocesano, estendendo a sua actuação às paróquias. Os vários responsáveis diocesanos continuam a recordar às pessoas que a Covid-19 é real e pedem a todos para manter as medidas de segurança durante as missas, colocando as máscaras, mantendo a distância e desinfectando as mãos. Continuam a rezar para que tudo isto termine depressa.

NA PAZ DE CRISTO

Ir. Benito Ricci (30.09.1941 – 04.11.2020)

O Ir. Benito nasceu a 30 de Setembro de 1941 em Sant'Omero (província de Teramo, diocese de Teramo-Atri, Itália). Fez o primeiro ano de noviciado em Gozzano e depois foi mandado para Sunningdale onde pôde aprender o inglês e fez os primeiros votos a 7 de Outubro de 1961. Permaneceu ali durante seis anos, empenhado nos estudos técnicos e na administração das revistas. Emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1967. Em 1968 foi destinado ao Uganda, onde permaneceu durante toda a sua vida missionária, excepto um período de quatro anos no Quénia (1985-89), como encarregado da procuradoria e ecónomo provincial; naqueles anos a sua presença em Nairobi foi uma verdadeira bênção para todos os confrades que trabalhavam no Uganda em situação de guerrilha. No Uganda, o Ir. Benito trabalhou sempre no sector da economia. No primeiro período, foi nas missões do West Nile e depois em Campala. Depois do regresso ao Quénia, a partir de 1989 trabalhou durante sete anos em Moroto e depois sete em Campala e, por fim, em Layibi, arquidiocese de Gulu, como procurador e ecónomo e também superior da comunidade (2011-2020).

O Ir. Benito faleceu no hospital de Lacor por causa da Covid-19, a 4 de Novembro de 2020, juntamente com o P. José de Jesús Aranda Nava do Sudão do Sul, falecido no mesmo dia também ele no St Mary's Hospital Lacor, e foi sepultado no cemitério de Gulu, em Negri Village.

O funeral começou com a missa na catedral de Gulu, celebrada por D. Sabino Ocan Odoki, bispo da diocese de Arua.

Só estiveram presentes 70 pessoas (o número máximo permitido pelas medidas restritivas da pandemia), entre as quais o superior provincial do Uganda e o do Sudão do Sul, muitos sacerdotes e muitas religiosas. Muita gente participou na cerimónia permanecendo no exterior da igreja.

Durante a missa, o bispo de Odoki recordou a dedicação do Ir. Benito no seu serviço, sublinhando de modo particular que a sua orientação atenta na administração da arquidiocese de Gulu nunca será esquecida.

O Ir. Jorge Fayad escreveu: «Encontrei o Ir. Benito no Quénia, depois veio para Moroto. Era amável e generoso comigo e tinha por mim grande afecto. Apreciei muito a sua ajuda quando precisei dela. Dava-me sugestões no exercício do meu ofício como coordenador da pastoral juvenil. Eram tempos difíceis, mas usufruí da sua companhia e do seu fraterno afecto. Tinha um temperamento sereno e pacífico. Tinha uma personalidade forte e era um irmão comboniano profissional. Estou grato a Deus por ter-me dado um membro tão bom da comunidade».

O P. Umberto Pescantini recorda o Ir. Benito como uma pessoa tranquila e pensativa. Encontraram-se pela primeira vez em Sunningdale em 1961, quando o Ir. Benito era neo-professo e frequentava cursos de administração, enquanto Umberto iniciava o seu período de noviciado. Voltaram a encontrar-se algumas vezes em Nairobi nos anos 80 e, mais tarde, em Moroto e em Campala. Benito fazia questão de fazer as coisas com precisão e era muito paciente.

P. Claudio Altieri (22.07.1940 – 15.11.2020)

O P. Claudio nasceu em Bolzano dia 22 de Julho de 1940. Depois do noviciado em Gozzano, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1961, foi para o escolasticado em Venegono onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1964 e foi ordenado sacerdote a 26 de Junho de 1965. Alguns meses depois foi destinado à NAP. Em Nova Iorque licenciou-se em Biologia e Inglês.

Em Setembro de 1968 foi destinado à Província da Etiópia-Eritreia (EE) onde permaneceu durante toda a sua vida missionária, até 2012.

Foi mandado para Asmara (Eritreia) como professor no liceu, vice-director das escolas do ensino básico do Comboni College e assistente de vários grupos juvenis, não só católicos, mas também ortodoxos e muçulmanos.

Em 1973 transferiu-se para o sul da Etiópia, servindo em várias comunidades – Teticcia, Dongora, Arramo, Adis Abeba, Shafinna, Fullasa e Awasa – com diversos cargos: director de escola, professor, pároco, animador das mais variadas actividades, delegado diocesano da comissão pastoral nacional. Escreveu também uma gramática de língua *ghedéo* e traduziu textos sacros e litúrgicos nas línguas faladas nas missões. A cada três ou quatro anos regressava a Itália, como conta ele próprio, «para um pouco de descanso físico e uma actualização intelectual e espiritual».

Em 2013, regressado a Itália, esteve durante alguns anos em Rebbio. A propósito daquele período, o P. Luigi Consonni, que o conhecia bem, escreve: «Apanhou-me de surpresa a morte do P. Claudio. Assaltou-me de forma viva a recordação do tempo da sua presença na comunidade de Rebbio. Recordo o seu compromisso forte e determinado em favor dos migrantes, apesar das óbvias limitações de saúde. É próprio de quem dedicou com todo o coração e forças a sua vida à missão em África e nas circunstâncias em que o conheci».

Em 2015 tinha celebrado o seu quinquagésimo aniversário de sacerdócio em Rovigo, cidade à qual era muito ligado: muitas vezes ao domingo celebrava a missa por alguma encomendação e reunia um bom número de paroquianos.

Em 2019, o P. Claudio transferiu-se para tratamentos para Castel d’Azzano, onde faleceu de Covid-19 a 15 de Novembro de 2020.

Reportamos a recordação surgida, à notícia da sua morte, na rede de solidariedade *Como senza frontiere*, de que o P. Claudio era parte activa: «Padre Claudio não está. Não é verdade. Está e permanece na nossa experiência, e – deveria dizer-se – na nossa história. Desde que nos encontrámos à volta da experiência de *Como senza frontiere*, o Padre Claudio está presente. À volta daquelas mesas, diante daquela estação, naqueles debates, somos diferentes e também um pouco desconcertados, e o grupinho de Combonianos (de Como-Rebbio e de Venegono) é bastante consistente, quatro ou cinco, estranhos quase como nós, mas fortes na sua experiência, no seu empenho, na sua disponibilidade. O Padre Claudio encontra-se sempre (ou quase) até ao fim, até quando – depois de ter enfrentado problemas de saúde – se transferiu para Verona.

Alguns recordam-no, nos jardins da estação, a oferecer um diálogo na língua “original” (ele que tinha estado muito tempo na Etiópia e na Eritreia) aos jovens refugiados presentes, uma oportunidade concreta para os fazer sentir um pouco menos “estrangeiros” e um pouco mais parte da comunidade. Todos o recordamos nas suas intervenções, tudo menos que rotineiras, capazes de extrair da sua experiência pessoal e do seu Instituto indicações e sugestões fundamentais, capazes de “referir” também aquilo que ainda não existe e que se deveria construir. Quem o foi visitar a Castel d’Azzano, nos últimos meses, encontrou-o sofredor, mas não indiferente, e sim apaixonado como sempre, pronto ao sorriso e à pida, afectuoso e interessado em todas e todos nós já distantes».

P. Luigi Zanini (28.02.1926 – 16.11.2020)

O P. Luigi nasceu a 28 de Fevereiro de 1926 em Grezzana, província de Verona. Entrou no noviciado de Venegono onde emitiu os primeiros votos a 15 de Agosto de 1946. Como escolástico, foi primeiro para Rebbio, depois para Venegono, Brescia e de novo Venegono, onde fez os votos perpétuos a 20 de Setembro de 1951. Foi ordenado sacerdote a 7 de Junho de 1952. Permaneceu oito anos em Itália, em Thiene, como ecónomo local e na animação missionária, e em Brescia. Em 1960 foi destinado ao Equador onde permaneceu durante mais de cinquenta anos.

O P. Luigi desenvolveu a sua missão entre os indígenas Chachi e Awas, no norte da província de Esmeraldas. Um território onde viviam sobretudo descendentes de africanos deportados como escravos, aonde os Combonianos tinham aportado nos anos 50. O P. Luigi conseguiu fazer-se aceitar nas aldeias perdidas. Ia todos os dias dar aulas e depois ficava a jogar à bola com as crianças e jovens no campo da missão. Recordamos que o P. Luigi trabalhou num território onde os sacerdotes não eram bem vistos, sendo dominante uma certa visão anticlerical, e que Esmeraldas, na fronteira com a Colômbia, tinha de enfrentar situações conflituais ligadas ao narcotráfico, para além de ter de lidar com a doença. O P. Aldo Pusterla, que trabalhou com ele quando chegaram a Borbón em 1964, no seu testemunho sublinha: «homem de profunda espiritualidade, apaixonado pela missão e pelo povo de Borbón. Tocava-se com a mão a grandeza do carisma comboniano que o animava. Sempre positivo, sorridente, aberto ao diálogo com todos, paciente e sempre atento às necessidades de quem se aproximava... foi o meu mestre em tudo».

Nos últimos anos de missão, o P. Luigi estava empenhado no ministério na cidade de Esmeraldas: levava de comer aos mais pobres e criava espaços para os jovens. Em 2012, a 7 de Junho, tinha celebrado o seu sexagésimo aniversário de sacerdócio ao mesmo tempo que completava cinquenta e dois anos de presença missionária em Esmeraldas, onde tinha trabalhado nas paróquias de Limones, La Catedral, San Lorenzo e La Merced. A festa realizara-se nesta última paróquia, na presença de todas as comunidades combonianas de Borbón, San Lorenzo, La Merced, El Carmen e de D. Eugenio Arellano Fernández, Vigário Apostólico, que presidia à celebração eucarística e tinha falado do grande trabalho desenvolvido pelo P. Luigi e da sua constante presença no norte de Esmeraldas. Naqueles anos, o P. Luigi trabalhava ainda intensamente no Pamón, zona difícil e de fortes contrastes, dominada por bandos que o apelidavam de «osso seco» porque nunca levava nada consigo que lhe pudessem roubar.

Em 2014 tinha regressado a Itália por motivos de saúde. Foi primeiro para Verona, para a Casa Mãe, depois para Castel d'Azzano, onde faleceu a 16 de Novembro de 2020, por causa do coronavírus.

P. Cesare Pegoraro (01.03.1934 – 17.11.2020)

O P. Cesare nasceu em Montecchia de Crosara (província de Verona e diocese de Vicenza) dia 1 de Março de 1934. Entrou no noviciado comboniano de Florença onde fez os primeiros votos a 9 de Setembro de 1956. Fez o escolasticado em Venegono onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1958. Foi ordenado sacerdote a 14 de Março de 1959 e mandado para Brescia como professor e formador no seminário menor. Em 1961 passou para Crema com os mesmos encargos. Em 1965 foi destinado ao Togo onde passou toda a sua vida missionária (quase cinquenta anos).

Como se sabe, dois acontecimentos estão na origem da chegada dos Combonianos ao Togo: a expulsão do Sudão e o pedido do arcebispo de Lomé. Os primeiros combonianos chegaram a 19 de Janeiro de 1964. As duas primeiras missões foram Kodjoviakopé, bairro situado a oeste da capital, na fronteira com o Gana, e Afagnan, a cerca de 80 km de Lomé, confinante com o Benim. No domingo seguinte, 26 de Janeiro, os missionários foram recebidos em Kodjoviakopé para serem apresentados à comunidade cristã da catedral. Acolhidos à entrada da povoação, perto do mar, foram conduzidos em procissão até à missão e acompanhados com cânticos. A estes primeiros missionários depressa se juntaram outros quatro entre os quais o P. Cesare.

Eis o que escrevia em meados de 1966: «Depois do intenso trabalho pascal pode-se finalmente usufruir de um pouco de descanso e escrever aos amigos distantes. Desde há um ano e alguns meses estou a viver a vida missionária de primeira linha, aqui no Togo. Teria muitas coisas a contar-vos, mas sinto alguma inércia e fadiga africanas. Desde há oito meses que me encontro em Adjido. A língua falada na nossa missão é um pouco diferente daquela que estudei nos primeiros seis meses. Quanto tempo precisarei para a falar correctamente? Decerto muito tempo porque depois de um ano e três meses mal consigo compreender alguma coisa e não consigo dizer patavina. Em contrapartida, o trabalho é bastante consolador. Numa aldeia dependente de Adjido, da qual me ocupo pessoalmente, administrei em oito meses cerca de setenta baptizados e uma centena de primeiras comunhões. A saúde sempre foi boa. Só desde há mês e meio sofro de insónias. Será o calor ou a humidade do clima marinho.

O meu superior decidiu mandar-me cerca de vinte dias para Afagnan, para mudar de ares».

Depois de Afagnan, o P. Cesare foi mandado como pároco para Aklakou e durante dois anos exerceu o cargo de Superior Provincial. Depois, foi vice-pároco em Bopa e vice-pároco em Cotonou durante seis anos. Em 1989 está em Cotonou. «A paróquia de Fidjrossè», lê-se na história da província, «dedicada a São Francisco de Assis, é a décima primeira paróquia da arquidiocese de Cotonou e conheceu a primeira comunidade comboniana a 29 de Outubro de 1989 composta por P. G. Montresor, P. Cesare Pegoraro e Ir. A. Guzzardi». De 1996 a 2007 o P. Cesare permaneceu na paróquia de Toffo como superior local e no ministério, depois passou para Cotonou.

Em 2014 regressou a Itália para tratamentos e foi para Castel d’Azzano onde faleceu por causa da Covid-19 a 17 de Novembro de 2020.

P. Luigi Marro (11.10.1925 – 28.11.2020)

O P. Luigi Marro nasceu em Cuneo a 11 de Outubro de 1925. Fez o noviciado em Gozzano e em Florença, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1950. Para o escolasticado foi para Venegono onde a 19 de Setembro de 1952 fez a profissão perpétua e a 30 de Maio de 1953 foi ordenado sacerdote. Logo depois foi destinado ao Equador para a comunidade de Esmeraldas, onde permanecerá durante 25 anos.

Daquele período, reportamos o testemunho do P. Natale Basso: «Do P. Luigi posso dizer alguma coisa só dos primeiros anos em Esmeraldas até 1966 porque depois daquela data nunca mais tive contacto com ele.

Foi um dos três primeiros combonianos a chegar a Esmeraldas com o cargo de ecónomo. Enquanto tal, à parte o seu temperamento “piemontês”, tinha de preocupar-se em saber se no dia seguinte haveria pelo menos “o que comer”, por isso tinha de fazer de maneira que o pouquíssimo que havia fosse suficiente para o muitíssimo de que havia necessidade.

O ecónomo, naqueles anos, era aquele que tapava todos os buracos e vivia 24 horas por dia e 365 dias por ano à disposição do vicariato apostólico, única autoridade absoluta do grupo (representante oficial do Superior Geral tinha sido isolado no extremo norte do vicariato apostólico com a única possibilidade de comunicar (se as coisas corriam bem) a cada quinze dias e só via rádio.

Mas tudo isto não impedia o P. Luigi de se dedicar à pastoral. Ensinava religião – muitíssimas horas – na escola feminina do ensino básico das Religiosas da Providência, cuidava espiritualmente de algumas aldeias perto de Esmeraldas, ocupava-se de formar um grupo de catequistas que

colaboravam com ele, cooperava como podia com as paróquias da cidade, organizava campanhas de formação. Não sei onde encontrava tempo e forças para tudo isto.

Um aspecto importante da sua personalidade era uma inata capacidade de evitar – e ajudar a evitar – disputas ou mal-entendidos entre nós e confrontos com o vigário apostólico; mas isto não o impedia de ser fiel aos princípios e firme nas decisões».

Em 1977, o P. Luigi regressou a Roma para o Curso de Renovamento e, depois de alguns anos em Verona Casa Mãe como procurador provincial, foi novamente destinado ao Equador, à casa provincial de Quito, com o mesmo encargo. Em 1990 foi chamado a Roma, onde permaneceu cerca de oito anos, empenhado na animação missionária-Viagens-ACSE. Em 1999 foi mandado de novo para a Casa Mãe, e depois para Verona CAA até 2015, quando se transferiu para tratamentos para Castel d’Azzano, onde faleceu por causa do coronavírus a 28 de Novembro de 2020.

P. Silvester Engl (31.12.1937 – 11.12.2020)

O P. Silvester era o décimo primeiro de treze filhos de uma família de camponeses e nasceu no último dia de 1937 em Gais, então uma pequena povoação de montanha do Alto Adige (província de Bolzano). As suas raízes numa família numerosa, como disse ele mesmo, plasmaram a sua forma de contacto com as pessoas e o apego à sua pátria durante toda a vida.

Graças aos contactos da família com a Casa Missionária do Sagrado Coração de Milland, perto de Bressanone, teve a possibilidade de frequentar ali o ensino secundário. Em 1951 começou a frequentar o seminário menor episcopal de Bressanone até ao Curso complementar, em 1959, quando decidiu entrar no noviciado comboniano em Mellatz (Alemanha) e seguir o chamamento à vida missionária. Aqui fez os primeiros votos a 30 de Outubro de 1960. Depois do noviciado voltou a Bressanone para os estudos de Filosofia e Teologia, no seminário maior diocesano. A 13 de Março de 1964 emitiu os votos perpétuos e a 29 de Junho do mesmo ano foi ordenado sacerdote na catedral.

Foi enviado para Espanha, onde trabalhou de 1965 a 1976 em Saldaña, no novo seminário, como formador e director e, mais tarde, também como superior da comunidade. Considerava aqueles anos, bastante duros, como um grande desafio para aprender, crescer e amadurecer, e, portanto, também como preparação para as tarefas que mais tarde lhe seriam confiadas. Apreciava o trabalho de formador, sendo uma pessoa segura de si e fazia-o com a consciência de desenvolver um dever missionário. Os es-

tudantes de Saldaña tinham-no apelidado de «Fanta», porque, como o homem alegre e sorridente da publicidade da bebida, tinha sempre um sorriso para todos.

Depois de mais de dez anos em Espanha, foi transferido para a DSP. De 1976 a 1984 foi formador e director do seminário menor comboniano, superior da comunidade e membro do conselho provincial. Eram os anos da crise dos seminários menores do Instituto e do fim do modelo de formação e de pastoral vocacional. Nenhum dos seus alunos escolheu a vida missionária, embora muitos fossem excelentes rapazes que mais tarde assumiram cargos de responsabilidade na sociedade civil.

Um desejo há muito acalentado tornou-se realidade quando, em 1984, foi mandado para o Peru, onde permaneceu até 1998. Considerava os catorze anos naquele país como o período mais feliz da sua vida missionária. Os encontros com as gentes nos aglomerados populares de Chorillos, em Lima (1985-1990) e depois em Arequipa (1995-1999) foram para ele verdadeiros dons de Deus, embora sentindo-se por vezes impotente e sem respostas perante as necessidades das gentes. Entre 1990 e 1995 foi superior provincial do Peru. Estar próximo das pessoas, partilhar e animar, oferecer esperança e conforto através de acções sociais e celebrações comuns de fé: são estas as actividades que o P. Silvester recordou durante toda a sua vida.

Passou a última parte da sua vida missionária na DSP. Do início de 1999 até ao fim de 2004 foi Superior Provincial. Durante o seu mandato teve de tomar algumas decisões desagradáveis e de grande peso, como o encerramento da «Werkstatt für eine solidarische Welt» de Ellwangen e a entrega da paróquia de Halle à diocese por falta de pessoal. No início de 2005, assumiu durante bem dez anos o cargo de superior da comunidade de Milland. Considerava a casa de Milland, aberta em 1895, como a sua segunda casa natal.

Em Setembro de 2015, o P. Silvester, quase com setenta e oito anos e doente, encarregou-se da paróquia de Lutzfons, a 16 km de Milland, onde trabalhou com empenho de estimado pastor até se retirar, devido a doença, em Julho de 2019. Com grande tenacidade interior, continuou a combater o cancro que o acompanhava desde há anos. Depois de um mês de internamento hospitalar na sequência de uma operação ao cérebro e insuficiência renal, por fim, contagiado também pela Covid-19, o P. Silvester expirou dia 11 de Dezembro de 2020 no hospital de Brunico.

O seu desejo de ser sepultado no cemitério da sua paróquia foi respeitado. Na cerimónia fúnebre, o bispo Ivo Muser, nascido na mesma aldeia, salientou a amizade que o ligava ao P. Silvester e a gratidão da diocese

pelos vários serviços que ele tinha desenvolvido, como pároco, membro de algumas comissões diocesanas e participação no sínodo. (*P. Hans Maneschg, mccj*)

Ir. Martin Ploner (06.01.1929 – 10.01.2021)

O I. Martin Ploner nasceu a 6 de Janeiro de 1929 em San Martin Enneberg, Tirol do Sul, Itália. Fez os seus primeiros votos religiosos em 1955 e os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1961.

O Ir. Martin serviu a missão em três países diferentes: seis anos na Alemanha (1955-1960 e 1983-1984), 22 em Espanha (1960 a 1982) e 37 no México, onde chegou em 1984 e permaneceu até ao dia da sua morte, a 10 de Janeiro de 2021.

Em Espanha, o Ir. Martin pertencia à comunidade de Palencia. O seu trabalho era cultivar a terra e cuidar dos animais; tinha um carinho especial pelas vacas, conhecia cada vaca pelo nome e ficou muito triste quando as vacas foram vendidas.

No México, o seu ministério de Irmão Comboniano teve uma mudança radical. Foi enviado para trabalhar entre as comunidades indígenas «Chinatecas», nas montanhas matosas de Oaxaca. Trabalhava como construtor e carpinteiro, mas ao mesmo tempo desenvolvia também o ministério pastoral. Fazia celebrações da Palavra, visitava os doentes e cuidava dos pobres. Era um verdadeiro apóstolo da caridade para com os mais vulneráveis.

Depois de mais de dez anos ao serviço às comunidades indígenas, foi mandado para o seminário comboniano de São Francisco del Rincón, Guanajuato. Ali estava encarregado da manutenção da casa, mas também ocupava muito tempo no ministério pastoral. Visitava os presos, levava a comunhão aos doentes e desenvolvia um apostolado «todo seu», que só podia ser feito no contexto mexicano e, em particular, em São Francisco del Rincón. Esta é uma cidade muito católica e a sua principal fonte de trabalho é a produção de calçado desportivo: por ocasião da festa de Nossa Senhora de Guadalupe, todas as fábricas festejam. Celebra-se a missa, abençoa-se a fábrica e há festa para todos os operários com comida, bebidas, música e dança; a mesma coisa é feita pelo Natal.

Este era o contexto. E este o apostolado do Ir. Martin: durante a semana, todos os dias visitava uma fábrica. Ao meio dia, quando chegava, o trabalho parava e, quer os operários – fossem 20 ou 30 ou mais –, quer os proprietários da fábrica, reuniam-se à volta dele para rezar o Angelus. O Ir. Martin rezava com eles, dirigia-lhes algumas palavras e abençoava-os. Era o seu modo de evangelizar o mundo do trabalho.

O Ir. Martin era um missionário humilde, simples, alegre, otimista, sensível e generoso. Era um verdadeiro homem de Deus: dedicou toda a sua vida à oração, ao serviço prestado na sua comunidade e ao seu ministério pastoral. Não havia espaço para outras coisas no seu coração.

Quando adoeceu e não pôde mais trabalhar, tornou-se um grande animador missionário para os missionários mexicanos que trabalhavam fora do México; deu-nos também um grande apoio espiritual através das suas orações. Dedicou os últimos anos da sua vida a escrever cartas aos missionários e a rezar por eles. Todas as suas cartas eram escritas à mão e com uma bela caligrafia. Nunca usou um computador. Quando eu estava no Sudão do Sul escreve-me algumas vezes e a sua mensagem era dupla: por um lado, falava do modo como vivia a sua doença, por outro, exprimia a sua solidariedade para com as pessoas que sofriam por causa da guerra e para com os missionários que acompanhavam as gentes.

A vida missionária e a morte do Ir. Martin podem ser sintetizadas com uma expressão: perdemos um grande missionário aqui na terra, mas ganhamos um santo missionário lá no céu. (*Fernando Mal GatKuoth*)

Ir. Antonio Marchi (14.08.1928 – 16.01.2021)

Antonio nasceu em Santa Maria di Sala (Veza, Itália) a 14 de Agosto de 1928. Fez o noviciado em Gozzano onde emitiu os primeiros votos a 5 de Agosto de 1953. Depois de alguns anos em Verona, na Casa Mãe, foi mandado para a comunidade Pellegrina, como formador dos aspirantes a Irmãos. Fez a profissão perpétua a 15 de Agosto de 1958 e, depois de alguns anos na Reitoria de Thiene como encarregado da casa, em 1968 foi destinado ao Brasil Sul, concretamente a São Mateus para ajudar na serração e na tipografia da diocese.

De 1978 a 1979, ajudava a manter o seminário comboniano de Jerónimo Monteiro, em particular em Burarama, uma das maiores comunidades da paróquia, pertencente ao município e à diocese de Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, formada por italianos oriundos da região do Veneto.

De 1984 a 1987, foi enviado para Porto Velho, capital da Rondônia. A escolha da cidade tinha sido decidida pelo Conselho Provincial enquanto capital da Rondônia e em contínuo crescimento demográfico. A comunidade comboniana era aberta a todos, acolhia, além dos confrades de passagem, também militantes do CIMI (Conselho Missionário Indígena), da OPAN (Organização da Amazônia Nativa) e muitos outros que tinham necessidade de um tempo de descanso. Tornou-se uma caixa de ressonância para todos os problemas do território.

O Ir. Antonio trabalhou também em Ouro Preto do Oeste (RO) onde chegou em 1995, ano da inauguração da nova «igreja mãe», em substituição da antiga que tinha sido devastada por desconhecidos cinco anos antes. Durante este período, um grupo formado pelo Ir. Antonio, o P. Manuel Valdez Treviso e o sociólogo comboniano P. Mansueto Dal Maso, foi destinado ao ministério indígena. O CIMI tinha nascido para defender os direitos dos povos indígenas, para a recuperação das suas terras, sendo os seus legítimos proprietários. Os nossos missionários procuraram difundir a cultura e a religião indígenas, de modo que pudessem ser preservadas e respeitadas, evitando qualquer manipulação por parte das igrejas ou do Estado.

Com a saída do P. Mansueto do grupo em 1985, o Ir. Antonio assumiu, provisoriamente, a coordenação da pastoral indígena, trabalhando entre os Uru-Eu-Wau-Wau, supostos Japaú, presentes no norte da Rondônia. «Os índios têm fome de dignidade, saúde, instrução – dizia o Ir. Antonio – uma religião que os ajude a viver. Fome de dignidade, porque o fundamento da dignidade de uma pessoa e de um povo são os seus direitos reconhecidos e respeitados. Aquilo que mais me tocou e é mais caro ao meu coração foi o sentido de comunidade que a festa tem para eles. Um forte sentido de comunidade que, no entanto, não destrói a diversidade, pelo contrário, valoriza-a através de cânticos, jogos e celebrações, sempre na linha da simplicidade e da fraternidade. Havia uma partilha em tudo».

«Um dia – escreve o P. Giovanni Munari – o Ir. Antonio deu-me a possibilidade de o acompanhar numa visita aos Uru-Eu-Wau-Wau. Fiquei admirado com o que vi. Tinha conquistado os índios e eles tinham-lhe permitido construir uma barraca de madeira no seio da sua aldeia que era a sua casa. Conhecia as pessoas pelo nome, falava com elas, falava de dificuldades e de problemas, anotava as coisas que deveria fazer uma vez regressado a casa: medicamentos, material escolar, instrumentos para o trabalho. Reunia tudo e levava-o. Levou tantos pequenos sinais de solidariedade e um compromisso de aumentar o seu raio de acção para ultrapassar os muros de indiferença e o preconceito que ainda envolvem as questões indígenas. Aquele era o seu trabalho na cidade: ir frequentemente aos municípios, procurar administradores públicos e à FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para requerer os serviços necessários à aldeia, no campo da saúde, da instrução, da alimentação e da prevenção».

Em 2003, o Ir. Antonio e o P. John Clark foram enviados a Alto Alegre, no extremo norte do país, quase na fronteira com a Venezuela e distante das

outras comunidades da província comboniana. Naquele município e no de Taiano, na altura, existia uma área delimitada de mais de 18 000 km², com 16 casebres de indígenas Wapichana e Macuxi, que viviam em pequenos grupos de 100 habitantes e rodeados de grandes fazendas. Uma vez que as terras eram muito pobres, muitos indígenas deixaram tudo para viver na cidade e tornaram-se depois dependentes das ajudas do governo.

A última etapa da sua missão no Brasil foi em São José do Rio Preto (SP). Ali, o Ir. Antonio passou alguns anos ao serviço da comunidade. Ia fazer as compras e dava de boa vontade catequese aos jovens da paróquia Cristo Rei, naquele tempo servida pelos Combonianos. Depois de alguns anos, em 2013, pediu para voltar definitivamente a Itália. Após três anos em Limone, na casa natal do Fundador, foi transferido para Castel d’Azzano onde faleceu a 16 de Janeiro de 2021: Apesar de ter ultrapassado a infecção de Covid-19, não conseguiu recuperar as forças e as suas condições foram piorando progressivamente.

P. Matthias Gamper (21.07.1937 – 15.01.2021)

O P. Matthias nasceu a 21 de Julho de 1937 na aldeia de montanha St. Pankraz, na província de Bolzano. Quinto de oito filhos, três irmãs e cinco irmãos, cresceu numa pequena herdade. Os pais eram pessoas profundamente religiosas. Num dos seus diários, Matthias escrevia: «Em criança, aos quatro anos, sentia em mim a chamada de Deus. Devo ter dito em algumas ocasiões que gostaria de ser padre. Num domingo à tarde, recordo ainda muito bem aquele dia, um missionário veio a minha casa e perguntou à minha mãe qual era o rapaz que queria estudar e ser padre... A 27 de Abril de 1949 parti com o meu pai em direcção à casa missionária de Milland». Depois do curso complementar, Matthias iniciou o noviciado em Bamberg (1957-1959) e emitiu os primeiros votos dia 1 de Maio de 1959. Durante o segundo ano de noviciado, estudou dois semestres de Teologia Fundamental. Depois voltou a Bressanone para continuar o curso de Teologia no seminário maior diocesano. Dia 6 de Abril de 1962 consagrou-se a Deus com os votos perpétuos e dia 29 de Junho de 1962 foi ordenado sacerdote na catedral da cidade.

Iniciou o seu serviço no Instituto como formador no seminário de Milland. Visto que cantava bem e era um ávido jogador de voleibol, foi bem acolhido pelos estudantes. Depois de um breve período em Milland e um encargo ainda mais breve no seminário de Saldaña (Espanha), foi destinado à missão no Peru.

A 21 de Novembro de 1965 zarpu de Génova em direcção a Lima. A sua presença no país durou cinco anos (1965-1970). Foi destinado à paróquia de Junin a 4100 metros de altitude, uma cidade andina da Prelatura (depois diocese) de Tarma. Trabalhou como professor nas escolas do ensino básico e secundário; nos fins de semana dedicava-se à pastoral nos distantes aldeamentos da vasta paróquia. Escreveu no seu diário: «Não me parecia justo baptizar e administrar sacramentos sem ensinar às pessoas a fé cristã. Estes cinco anos com os índios foram um período difícil».

Em 1971, o P. Matthias regressou a Milland, onde permaneceu até 1981, dedicando-se à animação missionária (Obra do Redentor) e à pastoral vocacional. Fazia visitas às escolas, ilustrando o seu trabalho no Peru através de diapositivos e, ocasionalmente, fazendo conferências sobre temas religiosos. Acompanhou de perto o grupo das colaboradoras da Obra do Redentor, organizando também com elas peregrinações. Nos cinco anos seguintes continuou a mesma actividade em Messendorf/Graz. Organizou duas peregrinações a Limone. Considerava importante que os nossos benfeitores e amigos conhecessem o nosso fundador através do contacto pessoal com o seu lugar de origem.

Em 1986 voltou novamente para Milland, ocupando-se da pastoral vocacional nas escolas do ensino básico. Naquela época, os nossos seminários menores encontravam-se em plena crise, faltando também o pessoal capaz de os gerir. O P. Matthias foi nomeado director do internato, mas em 1989 todos os seminários/internatos da província foram encerrados.

Na primeira metade de 1990 participou no Curso de Renovamento em Roma que, como se lê nos seus apontamentos, foi uma bela experiência para ele.

Depois do curso, o P. Matthias pediu licença aos superiores para trabalhar como professor de religião nas escolas do ensino básico da província de Bolzano. De 1990 a 1997 dedicou-se a esta actividade com licença para viver fora da comunidade. Os monges da Abadia beneditina de Bolzano ofereceram-lhe alojamento. Preparava as aulas com muita diligência e os estudantes estimavam-no muito. Durante aquele período participou, com professores e estudantes, em algumas viagens a vários países europeus, da Sicília à Dinamarca e à Polónia.

Em 1998 o P. Matthias terminou o seu serviço de professor e foi destinado à comunidade de Bamberga, dedicando o seu tempo ao cuidado pastoral nas paróquias, até 2003, com especial atenção aos adultos e idosos e aos doentes do «Klinikum». De 2003 a 2008, dedicou-se às mesmas actividades na comunidade de Neumarkt.

Em 2008 foi convidado paraa ser assistente pastoral do Dominikus-Ringeisen-Werk, em Ursberg, na diocese de Augsburg, e escrevia ao responsável eclesial: «Não vejo a hora de trabalhar com os deficientes em Ursberg». Todavia, por causa de problemas de saúde, teve bem depressa de renunciar a este serviço.

Assim, no final de 2010, voltou para Milland. O P. Josef Altenburger, superior provincial de então, escreveu-lhe: «Faço votos que a tua saúde te permita desenvolver pequenos serviços, mas sempre com calma e sem pressão. Nesta fase da vida pode-se descansar. Podes rezar muito por nós, pelos nossos empenhos e as nossas preocupações». E o P. Matthias fê-lo.

Um momento muito belo foi a celebração do seu quinquagésimo aniversário sacerdotal em 2012, na sua paróquia natal de St. Pankraz.

A partir de 2015 a saúde do P. Matthias foi-se agravando: já não podia andar pelas paróquias e cingia-se cada vez mais à casa, até precisar de total assistência. A 4 de Maio de 2018 foi transferido para Ellwangen, onde foi cuidado com amor até ao dia da sua morte.

Antes de partir para Ellwangen, os cinco irmãos e irmãs ainda vivos vieram a Milland para o cumprimentar e um deles disse-lhe: «sempre foste um polo positivo para nós», e eu gostaria de acrescentar: «pela tua humanidade e a tua fé». Matthias era uma pessoa muito vivaz, sempre à procura de mais e amante da vida. Também o seu sofrimento e a sua morte foram um encontro especial com o seu Criador, o encontro mais importante. (*P. Hans Maneschg mccj*)

Rezemos pelos nossos defuntos

- * **O PAI:** José de Jesús, do P. Luis Francisco Arellano (M), Martin, do P. Markus Körber (DSP).
- * **A MÃE:** Teresa, do P. Emmanuel Ssempeera (U).
- * **O IRMÃO:** Artur, do P. Martinho Lopes Moura (P), Don Giovanni, do P. Gaetano Gottardi (+)
- * **A IRMÃ:** Amabile, do P. Pietro Bracelli (I), Mariela, do Ir. Gustavo Montoya (CO).
- * **AS IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS:** Ir. Martia Rosa Tosi, Ir. Fiorina Luisa Baldessari, Ir. M. Patrizia Clerici.